

COLEÇÃO FILOSOFIA E TRADIÇÃO

ESTUDOS CLÁSSICOS

IV

PERCURSOS

GABRIELE CORNELLI
LUCIANO COUTINHO

Capítulo 2

Breve estudo sobre o pitagorismo e a concepção de alma como harmonia

Brief study of pythagoreanism and the conception of the soul as an harmony

Kathia Regina Vieira⁸

Gabriele Cornelli⁹

Resumo: Ao levantarmos questões sobre os filósofos pitagóricos percebemos que é inegável a influência destes sobre outros pensadores, inclusive Platão. O interesse pitagórico pela ciência e, em particular, pela música é um claro exemplo disto. A música teve grande importância dentro do pitagorismo e, ainda hoje, é rico o estudo da sua preeminência dentro deste contexto. O enfoque deste trabalho é, então, analisar um caso específico desta influência quando Pitágoras introduziu a noção de alma como harmonia, ou mais propriamente falando como uma afinação. Pitágoras estabeleceu que a alma, assim concebida, possui três elementos distintos e esta colocação, rica em suas consequências, acabou por influenciar a teoria da alma tripartida de Platão na *República*.

Palavras-Chave: Alma; Harmonia; Platão; Pitagorismo.

Abstract: When raising questions about the Pythagorean philosophers one realizes that they have undeniable influenced other thinkers, including Plato. The Pythagorean interest over science, and specially regarding music, is a clear example of such influence. Indeed music was a very important topic among Pythagoras studies, and until today the examination of its prominence in this context is abundant. Herein, this article focus on the analysis of this influence at the specific case when Pythagoras introduced the notion of soul as harmony, or more properly speaking, as a pitch. Pythagoras established that the soul, thus conceived, has three distinct elements, and this statement, rich in consequences, ended to influence the tripartite theory of the soul in Plato's Republic.

Keywords: Harmony; Soul; Plato; Pythagoreanism.

8 Mestre em Filosofia pela Universidade de Brasília – UnB. Especialista em Estudos Clássicos e Bacharel em Filosofia pela mesma Universidade. Contato: <kathiareg@hotmail.com>.

9 Professor de Filosofia Antiga (Adjunto IV) do Departamento de Filosofia da Universidade de Brasília. Pós-doutor em Filosofia Antiga pela Universidade Estadual de Campinas – UNICAMP, pela Università degli Studi di Napoli, Federico II e pela Universidade de Oxford. É Editor da revista Archai e dirige a Cátedra UNESCO Archai.

Introdução

Uma primeira e importante consideração ao estudar o pitagorismo e a filosofia de seu mestre fundador é considerar que tal estudo está envolto em obscuridade, misticismo e falta de fontes confiáveis para se efetivar, pois Pitágoras, assim como Sócrates, não nos deixou nenhum escrito, sendo oral toda a sua tradição. A opção aqui será, então, a mesma postura tomada por Cornelli, que “enfrenta precisamente a questão do pitagorismo como “categoria historiográfica” [...] visto com a consciência da sua dupla dimensão, diacrônica e sincrônica” (CORNELLI, 2011, p. 10). Ou seja, há necessidade de se estudar tanto os aspectos dos diferentes estratos da tradição quanto aqueles que refletem sobre a metodologia filosófica aplicada para além do estreito domínio do pitagorismo antigo. Isto porque há várias bibliografias que trazem o nome de Pitágoras ligado a milagres, regimes severos alimentares, sociais e morais sendo que alguns destes foram alvos até de atos cômicos¹⁰ da mesma que há tradições que ligam Pitágoras à busca por uma sabedoria universal, a uma Escola aberta inclusive às mulheres, a uma fraternidade que reforçava laços pessoais de amizade e a aproximação de seus estudos ao que hoje concebemos como ciência.

Platão e Aristóteles foram ambos muito discretos ao mencionar o nome de Pitágoras: nas obras que chegaram até nós Platão o menciona somente uma vez, em *República* 600 A-B, e Aristóteles duas vezes, em *Metafísica* A5, 986a 30. Contudo, Aristóteles se interessou pelo Pitagorismo sobre o qual escreveu um tratado que se perdeu e também algumas descrições confiáveis desta Escola, conforme Kirk (KIRK E RAVEN, 1979, p. 220).

Já quanto aos filósofos ligados à Escola pitagórica o mesmo não ocorre, havendo apesar das incertezas, cerca de 800 anos – do século

¹⁰ Para saber mais sobre as regras da escola pitagórica, ver a lista que Kirk e Raven apresentam (KIRK; RAVEN, 1979, p. 229).

V a.C. até o século III d.C. - ao longo dos quais historiadores vinculam contribuições filosóficas de pensadores a esta escola. Este período, que vai da Antiguidade até a época do neoplatonismo de Porfírio e Jâmblico, conheceu nomes como Alcméon de Crotona (início do século V a.C.) e Filolau de Crotona (contemporâneo de Sócrates). Alcméon era médico, biólogo, físico, astrônomo e teólogo, reconhecido por Aristóteles. Este é o primeiro pitagórico do qual se tem fragmentos (cinco destes) e seu interesse pela vida o levou a pesquisar acerca da alma e de sua imortalidade.

Segundo Cornelli, muitos autores procuraram identificar quem eram os pitagóricos através de uma unidade ligada à visão do mundo através dos números ou de uma adesão ligada essencialmente à doutrina filosófica pitagórica. Contudo, estudos mais aprofundados indicam que:

Se o que faz alguém pitagórico não é a adesão a uma doutrina, sê-lo-á, então, a adesão a outra grande dimensão que a tradição aponta como essencial para a identificação de um pitagórico, isto é, a do *bíos*, de determinado estilo de vida, expresso por *akoúsmata* e *sým-bola*, isto é, preceitos ouvidos e sinais de reconhecimento. Parece ser este o caso do longo catálogo de pitagóricos que Jâmblico insere no final de sua *Vida* (Iambl. VP: 267) e que, com toda probabilidade, é de origem aristoxênica. Trata-se de uma longa sequência de 218 nomes, ordenados por um critério geográfico. Destes, a maioria, 34, são tarentinos, como o próprio Aristóxeno (CORNELLI, 2011, p. 78).

Alcméon afirmava que o movimento permanente dos seres da natureza estava associado à vida e ao movimento eterno da alma, empregando um argumento de ordem física para apoiar um conhecimento metafísico. Ele também aplicou tal noção ao movimento circular eterno, concluindo que se os homens morrem “é porque não lhes é possível juntar o começo e o fim”. Conforme Mattéi, esta frase apre-

sentada uma intuição irreduzível de uma verdade que faz parte de um Todo dentro da Escola pitagórica (Mattéi, 2000, p. 56; p. 159).

Já Filolau é considerado o maior pensador da Escola pitagórica e possui uma rica doxografia. Segundo Diógenes Laércio, Filolau era o autor da obra que Platão pediu a Dion de Siracusa para comprar, tendo se inspirado nela para escrever o *Timeu* (DIÓGENES LAÉRCIO, 1988 cap. 3, p. 9; cap. 8, p. 84-85) Filolau escreveu também uma tese de dimensão cosmológica sobre o centro do mundo onde afirmava que o universo é ordenado, hierarquicamente, em torno de um fogo central único. Esta tese parece ter sido, de acordo com Mattéi, a primeira a afirmar que a Terra não está no centro do universo (MATTÉI, 2000, p. 6).

Já em relação à confiabilidade do que chegou até nós sobre os estudos pitagóricos, embora não saibamos qual foi o ensinamento real de Pitágoras nem suas recorrências, podemos permanecer sob a tutela de Aristóteles no que diz respeito às suas considerações sobre o pitagorismo antigo. O Estagirita retorna com frequência ao ponto em que afirma que para os pitagóricos “as coisas são números”, ou “os números se acham nas coisas”, ou então “os números são as causas e os princípios das coisas” ou, ainda, “as coisas são constituídas pelos números” (Aristóteles, *Metafísica*, A 986 a 987 a; M 1083 b; 1090), conforme cita Mattéi:

Este traço original ou concepção pitagórica que une especulações geométricas, harmônicas, físicas, cosmológicas, algumas vezes ligadas a confrontações morais, políticas e religiosas representa um duplo sistema místico e racional que caracteriza a Escola e que não deixa de nos perturbar por colocar lado a lado o que é da ordem da demonstração científica com o que é da ordem da fé religiosa. É dado, pois, que esta escola filosófica se baseia em um dualismo fundamental, tendo como princípios o Limite e o Ilimitado; o Ímpar e o Par. E é por esta razão que Aristóteles (*Metafísica*, A 5 986 b 2) afirma que, para os pitagóricos, os contrários são os princípios das coisas. E por causa de tantas contradições em estudos doxológi-

cos e dentro das próprias tradições é que Cornelli afirma '[...] não é possível pensar na escola pitagórica como em algo homogêneo do ponto de vista doutrinário, nem sequer utilizar o critério geográfico ou do discipulado direto, geralmente utilizado pela doxografia. Restou assim reconhecer que o que define o pitagórico é sua adesão a um particular estilo de vida' (CORNELLI, 2011, p. 104 *apud* MATTÉI, 2000, p. 77).

Desta forma, nada mais natural para Pitágoras que unir a concepção de alma a valores harmônicos numéricos, o que Platão, no *Timeu*, também fará uso. Nota-se que a noção de harmonia aqui concebida estava fundada em cálculos complexos que asseguravam uma perfeita unificação das relações consideradas dentro do conjunto, o que acabará por constituir o próprio universo.

A concepção pitagórica de harmonia

Para os pitagóricos, a harmonia era responsável por conciliar os princípios contrários entrando na constituição de todos os seres. A harmonia unia, dentro de seus domínios, os elementos em discórdia. Assim, se encontrava naturalmente dentro da música onde as noções de dissonância e consonância se ligam formando um grande todo musical. Da mesma forma, a harmonia contém uma aritmética por detrás de sua elaboração que os pitagóricos trabalharam em encontrar e onde sublinharam o papel essencial do número e da proporção.

Nestes estudos, os pitagóricos separaram a harmonia em sensível, que é aquela que se faz sentir pelos instrumentos, e em inteligível, que é aquela que se tem pela configuração numérica. Esta é a razão pela qual os pitagóricos pesquisaram, por exemplo, sobre a largura e espessura das cordas, a tensão das mesmas e sobre os sons que elas podem emitir. Os estudos sobre consonâncias e cordas vibrantes foram cruciais não somente para a construção de instrumentos de cor-

das, mas também para a construção de teatros onde problemas de acústica estavam presentes (BRUN, 1973, p. 32-33).

Mattéi cita também uma passagem de Estobeu, que pode se referir a Filolau, afirmando a importância da concepção de harmonia:

Nenhuma das coisas existentes poderia ser conhecida por nós se não existisse um ser fundamental das coisas, de que o mundo se ache composto: os limitantes e os ilimitados. Mas, posto que esses princípios existam enquanto não semelhantes e não homogêneos, seria impossível que um mundo tenha-se constituído a partir deles, se aí não se tivesse acrescentado uma harmonia, qualquer que seja a maneira pela qual ela nasceu (MATTÉI, 2000, p. 106).

Porém, a maior importância que a noção de harmonia traz, para este estudo, tem vinculada sua descoberta ao próprio Pitágoras. Esta está ligada diretamente à música e diz respeito ao se poderem exprimir, em proporções numéricas simples, os principais intervalos musicais¹¹ que perfazem a harmonia musical. Tal relação numérica a sons é de extrema importância, pois quantifica um fenômeno aparentemente tão qualitativo quanto a harmonia, proporcionando um estudo teórico matemático sobre a mesma, estudo este que veio depois a constituir o fundamento da música ocidental.

Kirk afirma não haver razões para duvidar da tradição que diz que o próprio Pitágoras descobriu que os principais intervalos musicais (ou acordes) podem ser expressos em proporções numéricas simples entre os quatro primeiros números inteiros positivos. Estes seriam: a oitava, a quinta e a quarta que se expressam, numericamente, em uma proporção da seguinte forma: oitava = 2:1, quinta = 3:2 e quarta = 4:3 (KIRK; RAVEN, 1979, p. 232).

11 Intervalo musical corresponde à distância entre dois sons consecutivos. Assim, de uma forma bastante simplificada, a partir da colocação de que existem sete notas musicais- dó, ré, mi, fá, sol, lá e si – o intervalo, por exemplo, entre dó-ré é de uma segunda, o de fá-si é de uma quarta, o de dó-sol é de uma quinta.

Sobre esta descoberta há também uma história contada por Jâmblico que diz que Pitágoras a realizou ao passar por uma oficina de um ferreiro e ouvir os golpes feitos por martelos em uma bigorna¹². Estes sons seriam os correspondentes da quarta, quinta e oitava, supondo que as diferenças de sons estavam ligadas aos pesos dos martelos. Assim, pesando estes, se chegariam às correspondências proporcionais acima descritas, isto é, que o martelo que produzia o som de uma oitava pesava a metade do mais pesado, que aquele outro que produzia o som de uma quinta pesava dois terços do mais pesado e o que produzia o som de uma quarta pesava três quartos do mais pesado.

Após esta experiência, Pitágoras a teria repetido fixando uma corda estendida em um cavalete por um peso e, dividindo-a em quatro partes iguais, teria descoberto que o som produzido por três partes da corda e a metade resultava em uma quinta, que o som produzido pela corda inteira e três quartos da mesma resultava em uma quarta e que o som produzido pela corda e sua metade resultava em uma oitava. Mattéi, neste contexto, observa que Tem de Esmirna atribuía a Hipaso um procedimento semelhante para medir estes três acordes fundamentais, mas usando vasos cheios de água em alturas diferentes (MATTÉI, 2000, p. 102).

Outro complexo cálculo teórico matemático envolvia a harmonia total do conjunto dos intervalos musicais, o que assegurava tanto a importância da harmonia enquanto mediação dos contrários quanto sua função de comensurabilidade destes intervalos descrita por uma proporção numérica simples entre números naturais positivos. Conforme descreve Mattéi, Pitágoras foi o primeiro a corresponder relações numéricas a uma gama natural assimétrica ascendente por quintas¹³, o

12 Esta, no entanto, é uma história falaciosa como indicam Burnet e Kirk & Raven (BURNET, 1994, p. 95; KIRK; RAVEN, 1979, p. 233).

13 Chama-se quinta ascendente o intervalo de quinta entre sons na ordem ascendente. Os aqui considerados são: Fá-Dó, Dó-Sol, Sol-Ré, Ré- Lá, Lá-Mi e Mi-Si.

que foi denominado “gama de Pitágoras”. Esta era composta por um ciclo de quintas consecutivas, que lida da esquerda para a direita conduzia a ordem de alterações dos sustenidos e da direita para a esquerda, a ordem de alterações dos bemóis. Assim, a partir do Fá, seguia-se, de forma mais esquematicamente falando, Dó, Sol, Ré, Lá, Mi e Si.

É importante notar nesta gama os primeiros quadros acordes, pois estes encerram as três consoantes fundamentais descritas acima: Fá correspondia à quarta ($4/3$), Dó a quinta ($3/2$) e Sol a oitava ($2/1$). O tom, considerado a unidade de medida musical, era considerado como o excesso de intervalo entre a quarta e a quinta, isto é, $3/2 : 4/3$, que vem a ser o tom maior da gama moderna. Foi a partir destas relações que Pitágoras chegou à constituição da gama natural, atribuindo a cada nota até a oitava superior a ela correspondente as seguintes relações:

Tônica =1, Subtônica = $9/8$, Mediante= $81/64$, Subdominante = $4/3$, Dominante = $3/2$, Hiperdominante = $27/16$, Sensível = $243/128$ e Oitava= 2.

A Tônica corresponde ao primeiro grau da escala, a subdominante ao segundo e assim sucessivamente até a oitava que é o oitavo grau. Todos os intervalos de sons consecutivos são iguais a $9/8$ que corresponde a um tom, já os intervalos do terceiro ao quarto graus e do sétimo ao oitavo graus correspondem a um meio-tom e são iguais numericamente à $256/243$ (=1,053). Igualmente, a harmonia (= a oitava) compreende cinco tons e dois meio-tons, ao passo que a quarta compreende dois tons e um meio-tom e a quinta três tons e um meio-tom (MATTÉI, 2000, p. 103).

Vê-se assim, de uma forma bastante breve, como Pitágoras estava preocupado com uma harmonia e uma proporcionalidade numérica que pudesse descrever a música quantitativamente e como estas suas idéias eram precisas e repletas de uma complexidade que sempre envolvia relações que permitiam unificar forças antagônicas em ope-

ração. Uma citação desta problematização diz respeito à definição de harmonia atribuída a Filolau, que dizia ser a mesma a “unificação dos complexos e acordo dos opostos” (MATTÉI, 2000, p. 107).

Vale ressaltar que Pitágoras estendeu esta concepção de harmonia para as proporções matemáticas puras e que a ele se pode destinar, também, a descoberta das três primeiras médias conhecidas: aritmética, geométrica e harmônica. Arquitas e Hipaso teriam descoberto três novas médias e depois os pitagóricos Miônides e Eufânor acrescentaram mais quatro a este quadro, o que perfaz um total de dez médias, um número muito pitagórico¹⁴. Nicômaco as teria ordenado na seguinte ordem: 1. Média aritmética, 2. Média geométrica, 3. Média harmônica, 4. Média subcontrária à harmônica, 5. Média subcontrária à geométrica (I), 6. Média subcontrária à geométrica (II), 7. Média (sem nome), 8. Média (sem nome), 9. Média (sem nome) e 10. Média (número de ouro), de acordo com Mattéi (2000, p. 108).

A alma como harmonia

Tanto a música quanto a matemática desempenharam um papel considerado vital dentro do pitagorismo. Também é estreita a relação que existe entre elas, relação esta que desencadeou outros importantes questionamentos. Assim, com base na descoberta de que os principais intervalos musicais podiam ser expressos em proporções numéricas simples correspondentes àquelas citadas da harmonia, passou-se a perguntar se outras características da filosofia pitagórica também poderiam ser explicadas pelos mesmos princípios.

Se a escala musical dependia simplesmente de proporções matematicamente definidas, não poderiam os mesmos princípios, o limite

14 O número dez, a Década, era considerado, entre os pitagóricos, a cifra perfeita do Todo, a própria natureza do número, pois era igual à soma dos quatro primeiros números inteiros positivos que constituíam o triângulo sagrado da Tétrade ou Tétraktys. Isto é, $10 = 1 + 2 + 3 + 4$, onde 1= o ponto, 2= a reta, 3= a superfície e 4= o volume.

e o ilimitado, serem subjacentes a todo o universo? Se os números bastavam para explicar as consonâncias, não poderia todo o resto ser exprimível numericamente? E já que os quatro primeiros números inteiros contêm todo o “segredo” da escala musical, sua soma, que corresponde ao número dez ou à *década*, não poderia “parecer abarcar”, como Aristóteles dizia, “toda a natureza do número” (Aristóteles, *Metafísica*, A 5 985 b 23)?

Assim, não é de se surpreender que a alma possa ser considerada uma harmonia ou afinação, para os pitagóricos. Esta concepção estaria exposta no *Fédon* de Platão em completa conformidade com a opinião de que era de origem médica. Duas passagens são citadas a este respeito. A primeira diz que os pitagóricos praticavam a purificação do corpo pela medicina, e a da alma pela música, ao passo que a segunda passagem corresponde a uma parte contida no diálogo *Fédon*, conforme Burnet

Sendo o nosso corpo, por assim dizer, retesado e contido ao mesmo tempo pelo quente e frio, pelo seco e úmido, e coisas desse tipo, nossa alma é uma espécie de temperamento e afinação destes, quando um e outro se mesclam bem e na devida proporção. Se nossa alma, então, é uma afinação, é claro que, quando o corpo houver sido afrouxado ou retesado em demasia por doenças e outros males, a alma deve necessariamente perecer em seguida (Platão, *Fédon*, 86 b 7-c 5 *apud* BURNET, 1994, p. 237).

Também para Burnet, a afirmação acima citada é claramente uma aplicação da teoria de Alcméon, que, por sua vez, está de acordo com as concepções da escola siciliana, evidenciando que o pitagorismo do fim do século V era uma adaptação da antiga doutrina aplicada aos princípios da teoria dos quatro elementos introduzida por Empédocles (BURNET, 1994, p. 237).

Além disso, se a alma for considerada uma harmonia, no sentido pitagórico, é de se esperar que ela contenha os três intervalos já re-

conhecidos de quarta, quinta e oitava. Esta afirmação torna extremamente provável que a doutrina da alma tripartida, que conhecemos a partir da *República* de Platão, seja na verdade de origem pitagórica. Posidônio atribuía a doutrina da alma tripartida a Pitágoras e o próprio Platão teria chamado a atenção para esta concordância (Platão, *República*, 443d 5). Tal perspectiva pitagórica da alma como harmonia é incoerente com a concepção platônica da alma, mas combina muito bem com o que foi explicado (BURNET, 1994, p. 237-238).

A colocação de uma *triáda* é também relevante em outros aspectos, pois três é considerado o número do Todo, como o próprio Aristóteles teria reconhecido, de acordo com Mattéi. Para o Estagirita: “É o número três que define o Todo e todas as coisas, posto que são os constituintes da *triáda*: fim, meio e começo, que constituem também o Todo”. Estaria aí presente, inclusive, a evocação de uma velha fórmula órfica mencionada por Platão (*As leis* 715e) na qual se afirma que a divindade tem “nas mãos o começo, o meio e o fim”. Mattéi chama atenção para o uso gramatical de Aristóteles ao se referir ao número três como “todos”, porque os gregos utilizam o *dual* quando se referiam ao conjunto de duas coisas e somente com o três é que a língua exige o plural (MATTÉI, 2000, p. 138).

Assim, para os pitagóricos, o número três, enquanto primeiro número ímpar, representaria a reconciliação do um e do dois sob a forma de uma harmonia universal. Dessa forma, as três dimensões do espaço corresponderiam os três acordes fundamentais de quarta, quinta e oitava que compõem a gama de Pitágoras. Tal triáda asseguraria um modelo para toda estrutura estável e completa, o que se comprovaria com a divisão triádica da alma adotada por Platão.

Outra relação a se considerar entre a alma e a harmonia diz respeito à média (ou proporção) harmônica descoberta a partir dos intervalos musicais. Esta é comumente chamada de *analogia* e Platão faz

seu uso constante (*Timeu*, 35a-36b). Com efeito, o Demiurgo compõe a Alma do mundo a partir de uma mistura de duas formas cósmicas que são o Ser permanente, indivisível e o Ser móvel, divisível onde acrescenta a estas uma terceira forma mesclada das duas anteriores que vem a ser o Mesmo e o Outro. A seguir, esta mistura é distribuída em sete partes que correspondem aos intervalos musicais segundo uma dupla progressão geométrica usando como razão somente os números dois (primeiro número par) e três (primeiro número ímpar). Lembrando que a gama de Pitágoras é constituída apenas pelas combinações dos números dois e três, temos aqui uma prática autenticamente pitagórica.

Para preencher os intervalos duplos e triplos, o Demiurgo faz uso das mediações harmônica e aritmética de modo que podemos reconstituir a gama cósmica, na qual atua a Alma do mundo. Nesta passagem, vemos que o *cosmos* está inteiramente sob o signo da *harmonia*, como Platão assim chama no *Timeu*, sua “alma”, fazendo uso apenas do número dois e do número três, bem como de suas potências e relações respectivas (MATTÉI, 2000, p. 110).

A partir destas considerações podemos, então, afirmar, que o número três representava a conciliação do um com o dois sob a forma de uma harmonia ao mesmo tempo em que assegurava uma estrutura estável e completa, como aquela que Platão fez uso em sua teoria da alma triádica. Igualmente, que a justificação teórica matemática que subjaz toda esta concepção de alma-harmonia está unida a uma intuição cósmica da qual falam tanto Platão em *Fédon* (85e-86d) quanto Aristóteles em *Da Alma* (I, 4, 407). Porém, as relações que os pitagóricos estabeleceram entre os números e a alma não se esgotam aqui. Um exemplo é o que ocorre com o número cinco que representava, entre os pitagóricos antigos, o retorno de todas as coisas, a periodicidade do mundo e, em primeiro lugar, o retorno da alma sobre si mesma. A

pentada era assim qualificada como um “número esférico”, que é associado sistematicamente aos círculos da alma vista como imortal, em eterno movimento. Mattéi cita Proclo, confirmando neste contexto, esta colocação: “O número total da alma [...] progrediu segundo a pentada, para que a alma se ache voltada para si mesma; porque a pentada tem a força conversiva em direção a si mesma” (PROCOLO, 1966, III, 236,11; III, p. 281; cf II, 454 *apud* MATTÉI, 2000). Logo, embora se tratando de interpretações neoplatônicas, a teoria da pentada não pode ser compreendida sem fazer apelo a considerações verdadeiramente platônicas que identificavam a alma à pentada, pois o número cinco engendra a década e ambos se desdobram neste espaço intermediário onde o mundo atua (MATTÉI, 2000, p. 149).

Este é apenas um exemplo citado para suscitar novos estudos e aberturas para outros desdobramentos do pitagorismo e de sua rica concepção de alma. Este tema não será aqui abordado, pois a idéia deste trabalho é apenas levantar as correlações da alma pitagórica com a harmonia e suas consequências, em especial, aquela que diz respeito à alma tripartida de Platão na *República* e algumas das demais influências daí afloradas.

Considerações finais

Mesmo com dificuldades de se reconstruir como foi a Escola pitagórica, seus estudos e principalmente quem foi seu mestre, o pitagorismo representou mais do que uma simples escola e estendeu seus domínios tanto no campo da fé religiosa quanto no campo científico, tanto no campo filosófico quanto no campo político. Aritmética e música, número e harmonia, conduta de vida e ciência, liberdade política e salvação mística da alma estavam aqui interligados definitivamente.

Também não se pode esquecer que Pitágoras teria sido considerado o primeiro filósofo com a conotação que hoje concebemos a

tal palavra, ou seja, Pitágoras teria sido considerado o primeiro amigo da sabedoria ou da verdade. E mesmo que as suas preocupações morais e preceitos de conduta hoje nos pareçam estranhos, permanece a influência histórica de sua filosofia em vários campos do saber que compreende as artes, as matemáticas, a astronomia e a música. E vai além, pois o pitagorismo não se reduz a um movimento histórico, constituindo um pensar matemático inteligível independente de experiências sensíveis que permeia o mundo da ciência, até os dias atuais.

Procurando encontrar uma unidade entre a alma e o homem, o pitagorismo acabou se enveredando, sobretudo, no domínio da música e da harmonia, onde construiu a base de uma tríada e a gama pitagórica que, por sua vez, engendraram fortes influências em Platão e em sua concepção de alma tripartida. Aqui, a tríada não correspondia somente a três distinções diferentes de um mesmo conhecimento, mas também à estrutura que garantia a sustentabilidade e a completude do conjunto. Neste, analogias numéricas ligando leis fundamentais do universo às naturezas funcionais dos seres se fizeram presentes de maneira extremamente elaborado e fértil.

Isto sem mencionar os estudos de cosmologia atribuídos a Filolau que teria sido o primeiro a afirmar a ordenação e hierarquização do universo em torno de um fogo central, como precursor de Copérnico, as ricas especulações sobre a alma e sua imortalidade realizadas por Alcméon e outros pitagóricos e enfim, o grande interesse de Pitágoras pela ciência, que embora não tenhamos segurança em afirmá-lo, é certo que quaisquer que foram suas realizações, estas foram suficientes para originar a Escola pitagórica que nos é descrita por Aristóteles.

Assim, mesmo com as dificuldades de textos originais confiáveis, de estar o próprio Pitágoras envolto em lendas e histórias falaciosas, é possível construir uma linha coerente acerca do pensamento pitagórico e estabelecer com clareza algumas concepções filosóficas e influên-

cias deste período, a partir de textos do próprio Platão e de Aristóteles, inclusive.

Referências bibliográficas

- ARISTÓTELES. De Anima. (Da alma): livros I-III (trechos). Trad. Lucas Angioni. 2. ed. *Textos Didáticos*. Campinas, n. 38, jan. 2002.
- ARISTÓTELES. Metafísica. Trad. Lucas Angioni. *Clássicos da Filosofia: Cadernos de Tradução*. Campinas, n. 9, nov. 2004.
- BRUN, Jean. *Les présocratiques*. Paris: Presses Universitaires de France, 1973.
- BURNET, John. *O despertar da filosofia grega*. Trad. Mauro Gama. São Paulo: Siciliano, 1994.
- CORNELLI, Gabriele. *O pitagorismo como categoria historiográfica*. Coimbra: Centro de Estudos Clássicos e Humanísticos da Universidade de Coimbra, 2011. Disponível em: <https://bdigital.sib.uc.pt/jspui/bitstream/123456789/72/2/o_pitagorismo_como_categoria_historiografica.pdf>. Acesso em: 2 abr. 2013.
- DIÓGENES LAÉRCIO. *Vidas, doutrinas e sentenças dos filósofos ilustres*. Trad. Mário da Gama Kury. Brasília: Editora da UnB, 1988.
- KIRK, G. S.; RAVEN, J. E. *Os filósofos pré-socráticos*. Trad. Carlos Alberto Louro Fonseca, Beatriz Rodrigues Barbosa e Maria Adelaide Pegado. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1979.
- MATTÉI, Jean-François. *Pitágoras e os pitagóricos*. Trad. Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 2000.
- PLATÃO. *Diálogos socráticos III: Fedro, Eutífron, Apologia de Sócrates, Críton e Fédon*. Trad. e notas Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2008.
- PLATÃO. *A república*. Trad. e organização J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 2006.
- PLATÃO. *As leis*. Trad. Edson Bini. 2. ed. São Paulo: Edipro, 2010.
- PLATÃO. *Diálogos V: o banquete, Menon, Timeu, Crítias*. Trad. Edson Bini. São Paulo: Edipro, 2009.
- PROCLO. *Commentaires sur le Timée*. Trad. A. J. Festigière. Paris: Vrin, 1966 MATTÉI, Jean-François. *Pitágoras e os pitagóricos*. Trad. Constança Marcondes Cesar. São Paulo: Paulus, 2000.